

# UMA TENTATIVA DE CONTRIBUIÇÃO PARA O RESGATE DO MODELO HISTÓRICO ESTRUTURAL

Frederico Jayme Katz\*  
fkatz@elogica.com.br.

**“All truth passes through three stages. First, it is ridiculed. Second, it is violently opposed. Third, it is accepted as self evident.”**  
**Arthur Schopenhauer**

## PREFÁCIO

É conveniente antecipar algumas observações, e ressalvas, acerca da abordagem utilizada na elaboração deste trabalho, assim como sobre suas limitações.

1 - Em relação a forma de apresentação do trabalho, cabe uma autocrítica pela incapacidade de abandonar um cacoete de velho professor de matemática, de manter compromisso central com a tentativa de procurar expor coisas complicadas da maneira mais clara possível. Esta escassez de sofisticação no jargão, e de elegância nas formas de expressão, pode levar alguns a uma primeira impressão de superficialidade e simplismo. Isto é de se lamentar, não só pelo fato de fazer negativa alguma pré-avaliação do texto, mas, por não conseguir atrair para a discussão de tão importante tema. Porém, como ‘O uso do cachimbo entorta a boca’ fica assim o trabalho. Outro risco relacionado, é que teses do tipo das apresentadas aqui são como o “Ovo de Colombo”. Uma vez enunciadas parecem óbvias. Mas, é preciso que alguém o faça, e talvez este sentimento se dissipe quando se reflita sobre as conseqüências das mesmas em relação aos posicionamentos mais usuais.

2 - Neste campo de discussão, muito influenciado pela Filosofia e pelas teorias de outras ciências, não há o apelo fácil, e muitas vezes enganoso, do recurso a provas e demonstrações exatas. O que fazemos é argumentar, utilizando a Lógica e sobretudo a História.

---

\* Pesquisador do Núcleo de Estudos para a América Latina (NEAL), da Universidade Católica de Pernambuco. Texto apresentado e debatido na sessão do dia 09/06/05 no NEAL. Agradeço aos colegas do NEAL, Pe. Paulo Meneses, Abraham Benzaquen Sicsú e David Rosenthal pelos incontáveis comentários e colaborações. Agradeço também as observações dos Profs. Célia Lira e Maria Brayner da UFPE, Jose Ernani Souto Andrade da Unicap, José Oto Oliveira da Coonap e Dionísio Valois do Cendap. Naturalmente, o autor é o único responsável pelo artigo, em todos os sentidos, inclusive em relação aos erros, certamente presentes.

3 - É preciso também deixar claro que tipo de exercício científico é este que entendemos estar desenvolvendo. Principalmente porque ousamos fazer algumas adições de elementos ao modelo, na convicção de que isto deve aperfeiçoá-lo. Estivéssemos no ambiente da matemática, classificaríamos estas nossas propostas de Conjecturas. Como se sabe, Conjecturas são proposições que, aceitáveis em toda sua aparência, não tiveram ainda uma demonstração cabal apresentada. No contexto daquela ciência ficam a espera de uma prova concreta. No nosso mundo da Ciência Social, só os fatos que se apresentam com o passar do tempo tornam-se indiscutíveis. Esta é a natureza deste trabalho, a apresentação de Conjecturas.

## 1 – APRESENTAÇÃO.

1.1 - **O Contexto Geral: Globalização e Débâcle.** Dois fatos deflagraram o processo de reflexão e estudo que conduziu aos resultados preliminares expostos a seguir. A alusão a um deles é feita através da utilização da expressão ‘a queda do muro’ ou, menos informalmente, a Débâcle do Socialismo do Leste Europeu. Passaremos a nos referir ao mesmo como a Débâcle. Este evento ocorreu *pari passu* com o outro fato, a grande expansão capitalista recente, doravante referida como Globalização, que, na verdade foi seu dual.

Vale lembrar que o ambiente dominante nos primeiros anos após 1989 foi de muito aturdimento. Pois, embora um grande crescimento capitalista fosse previsível, a Débâcle na verdade constituiu um raio em céu azul, uma surpresa para todos <sup>1</sup>. O que mais causou perplexidade no seio da Esquerda é que o socialismo parecia desaparecer sem que o domínio do capital houvesse cessado, ao contrário, estava claramente se reforçando e prometendo passar de quase hegemônico para quase exclusivo.

1.2 – **A Ruína do Modelo Histórico Estrutural.** A visão da Esquerda acerca do funcionamento sistêmico do capitalismo, algumas vezes nomeada de ‘Modelo Histórico Estrutural’, doravante referido como o Modelo, consagrou-se como um paradigma para análise econômico-social, tornando-se bastante popular durante boa parte do século XX. Porém, em sua formulação mais usual, a partir da Débâcle, além de manifestações explícitas de rejeição, o mesmo foi colocado no museu das curiosidades em desuso por uma ampla maioria dos analistas.

---

<sup>1</sup> Confirma isto o fato de Kissinger, 2001, que teria todas as razões para dizer que previra os acontecimentos, teve a honestidade de afirmar que o mesmo foi absolutamente inesperado.

As principais razões para seu crescente abandono foram os fatos desta estrutura teórico/conceitual da Esquerda, não só não ter sido capaz de ver o abismo a sua frente, como também, pelo menos até onde tomamos conhecimento, ainda não ter fornecido respostas, de ampla aceitação, para as perguntas que cercam o panorama de desastre de boa parte das experiências socialistas. A incapacidade mostra-se ainda mais comprometedora, porque, além de enfrentar dificuldades explicativas em relação ao que se passou, mesmo *ex-post*, esta teoria, como até não poderia deixar de ser, encontra-se perdida no sentido de indicar possíveis caminhos futuros, compatíveis com seus preceitos básicos. Como resultado, tendo sido incapaz de interpretar situações cruciais, de se organizar para enfrentá-las, de prever novos rumos, e sendo o padrão de pensamento da parte fragorosamente derrotada, a abordagem perdeu em credibilidade.

Certamente, o vigoroso crescimento do que na prática significou a rejeição ao Modelo não se deveu apenas as falhas em sua capacidade de explicação e de previsão. Pesou também a enxurrada de propaganda Neoliberal. Esta contou com forte e amplo apoio da mídia e da academia, gerando um ambiente de quase consenso.

Esta aparente incapacidade do Modelo de dar respostas a fatos concretos da realidade como a Globalização e a *Débâcle*, naturalmente, foi contaminando e enfraquecendo a popularidade de (pro)posições progressistas de uma forma mais ampla, também em relação a outros temas. A onda foi mais além, pois, este verdadeiro *Tsunami* levou, igualmente, ao quase esquecimento de assuntos com peso de interesse social, como o do desenvolvimento do capitalismo na periferia, o dos direitos civis e das minorias etc., Katz, 2001, p. 02 <sup>2</sup>.

Apesar deste panorama adverso, sobreviveu, tanto no lida com problemas do mundo concreto como no da produção teórica, as ações de um grupo minoritário de elementos dispersos que nunca aceitou a idéia de que a História havia acabado, e que tenta enfrentar o vácuo existente. Mais importante do que listar aqueles que continuaram clamando no deserto é entender a coerência deste tipo de comportamento. É que não se poderia abandonar os posicionamentos críticos ao capitalismo, já que, os princípios básicos que norteiam o funcionamento desta economia e sociedade, e que lhe imprimem, de forma intrínseca, seu caráter iníquo continuavam presentes e

---

<sup>2</sup> No campo da guerra de idéias, vale lembrar que os mandamentos do “Consenso de Washington”, que foi a locomotiva deste desenvolvimento pela direita, elegem o mercado como onipotente e onisciente. Naturalmente, esta crença na eternidade e perfeição do capitalismo e de seus mecanismos de auto-correção, empurra para longe o interesse por temas sociais, como os mencionados, já que, nessa perspectiva, eles seriam resolvidos por si só, pela ação dos mercados.

operantes. Vale registrar que, com o passar do tempo, e com o acúmulo de decepções com as contradições entre a realidade e o discurso triunfalista neoliberal, aumenta este contingente.

## 2 - INTRODUÇÃO.

O objetivo deste estudo é, tentar colaborar na (re)construção de uma visão interpretativa e sistêmica do funcionamento do capitalismo, dentro de uma visão Marxista. E que a mesma permita a compreensão da sua evolução, inclusive dos eventos dos últimos 15 anos. Assim, juntamo-nos a diversos pesquisadores que vem desenvolvendo esforços no sentido de enfrentar este desafio. Trata-se de uma empreitada de grande complexidade, e para dominá-la, será necessário um grande esforço intelectual coletivo de observação e estudo, e certamente a ajuda da passagem do tempo.

Este trabalho constitui um primeiro resultado de nossas reflexões sobre o tema, e temos completa consciência de suas limitações, próprias de um projeto piloto. A intenção é continuar a desenvolvê-lo em duas direções. Por um lado, pretende-se aprofundar e expandir o embasamento deste Sistema, incorporando reforços de elementos de História, Ciências Sociais e Políticas e de Filosofia. Por outro, pretende-se produzir outros trabalhos, seguindo as pistas da Seção 6, desdobrando as implicações deste Sistema em diversas áreas de estudo das ciências sociais. Porém, como o debate é indispensável para o avanço do conhecimento, ousamos expor já à crítica alguns de nossos pensamentos, embora ainda em construção, na esperança de gerar reações que, pelo menos estas, sejam esclarecedoras.

## 3 – A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO.

Os dois itens da Apresentação destinaram-se a, sem demora, contextualizar o turbulento período que vivemos nos últimos quinze anos, pano de fundo para o surgimento dos questionamentos que vamos tratar, e para referir ao descrédito que passou a afetar profundamente os métodos, as análises, e mesmo as propostas da ‘Esquerda’ durante este período. Isto foi feito com a brevidade necessária, suficiente apenas para permitir situar na introdução do trabalho o objeto de estudo. Enquanto o item 1.2 se destinou a mostrar **em que o Método falhou**, o item 4, seguinte, apresenta nossa tentativa de construir uma versão explicativa, do **porque o Método falhou** e, conseqüentemente, em que consistirá nosso esforço de contribuição para seu resgate. O item 5 concentra a exposição de uma proposta de **um modelo sistêmico para análises do capitalismo**, nada mais que uma tentativa de

colaboração para o resgate do Modelo. O sistema é estruturado em três componentes articulados, que são discutidos nos subitens que tratam do Modo de Produção, do Paradigma Tecnológico e da Superestrutura, entendida aqui como o meio econômico, social e político que media as outras duas instâncias. Segue-se o item 6 onde esboçamos determinados **reflexos e conseqüências** desta forma de interpretação em algumas problemáticas. Um destes, é uma tese acerca da centralidade da Mudança no Paradigma Tecnológico Dominante em curso, para o entendimento da Débâcle e da Globalização. Finalmente, o item 7 com as **conclusões**.

#### 4 – PORQUE O MÉTODO FALHOU.

Damos seqüência ao trabalho propondo as seguintes perguntas: O Método falhou porque é essencialmente errado? Ou, porque é inadequado às novas realidades do capitalismo? Nossas respostas, para ambas as questões é não. Como veremos em mais detalhes adiante, aconteceu que o mesmo, ao se tornar lugar comum, passou a ser utilizado em uma versão empobrecida, insuficiente. O seu resgate demanda **retificações/restaurações e adições**, sobre as quais só estamos sendo capazes de especular porque a passagem dos anos deu uma posição de observação privilegiada.

Em relação às **retificações/restaurações**, é impossível avançar sem admitir que a abordagem Marxista foi, principalmente a partir do início do século XX, maciçamente difundida através de fórmulas extremamente simplistas, com traços mecanicistas e raciocínios de formato uni linear. Se isto ocorreu assim em função de interesses localizados, ou porque a divulgação muito ampla, a popularização, tinha de ser simplificada, não vem ao caso neste ponto. O certo é que estas amputações fizeram a capacidade de análise da teoria perder muito em flexibilidade. E, esta perda de sensibilidade não se restringiu aos leitores dos quadros populares, para quem seriam dirigidos os manuais, mas, contaminou de forma ampla. Este fato impõe a necessidade de se **resgatar o Modelo em sua complexidade original**. Este será o objeto de nossos esforços nas seções 5.1 e 5.2.

Já na seção 5.3 proporemos a **adição** de um mecanismo em sua montagem que pretende, além de aprimorar sua capacidade como ferramenta analítica, também, prevenir a ocorrência de um equívoco metodológico de difícil enfrentamento e bastante usual. Como se sabe, a economia capitalista se desenvolve, impulsionada por suas leis de movimento, leis estas que são referentes a tendências. No entanto, na realidade concreta aparente e perceptível, muitos fenômenos se apresentam percorrendo ciclos. Estes ciclos constroem histórias de ascensão e queda, que produzem momentos de catarse

e superação, dando início a novos episódios oscilatórios, em nível diferente, o que só faz confirmar a existência das tendências. Dependendo do momento histórico que se viva, em certos instantes as variações cíclicas são muito mais visíveis, já em outros são as impressões das mudanças impelidas pelas pressões das tendências o que prevalece. É muito comum acontecer de o analista sucumbir à atração da luz mais forte, e torná-la a fonte exclusiva de sua atenção. No caso em pauta, achamos que este é um problema metodológico recorrente nas apresentações e exercícios mais usuais baseados no Modelo, que não combinam a consideração simultânea dos diversos tempos e tipos de movimento do sistema <sup>3</sup>. Em ocasiões, o flanco que fica em aberto e desprotegido torna-se vítima de surpresas. Considerando-se isoladamente este ponto, independentemente de se apresentar, ou não, elementos inovadores no campo dos ciclos, ou das tendências, a novidade aqui é a proposta de **incorporação de mecanismo que procura garantir a consideração destes dois tipos de movimentos nas análises.**

## 5 - UMA VISÃO SISTÊMICA.

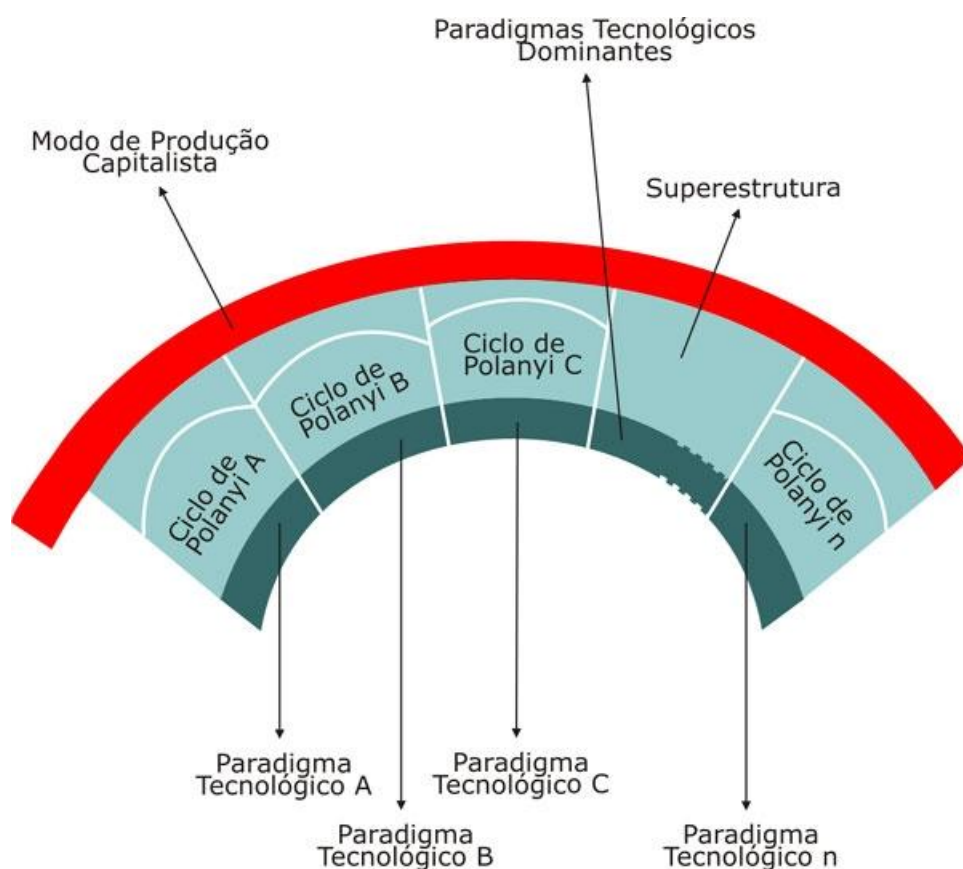
Da mesma forma que se faz em um trailer de um filme, anteciparemos de forma extremamente sintetizada, quase um croqui, o modelo sistêmico discutido a seguir. Em relação ao contexto deste estudo, a maneira utilizada para analisar e interpretar o funcionamento da nossa sociedade pode ser descrita como uma estrutura que contém três instâncias, em graus crescentes de abrangência (dominância). A mais ampla, a do **MODO DE PRODUÇÃO**, é tomada do que se costumava referir como Materialismo Histórico. Constitui os limites estruturais da realidade considerada, o exoesqueleto. No caso em foco, neste momento de sua periodização, no capitalismo, seu determinante seria a relação de produção capital X trabalho assalariado, e outros invariantes derivados como, por exemplo, a lei do valor. A instância mais interna de nossa estrutura sistêmica é aquela relacionada à **BASE TECNOLÓGICA**. Sua periodização é definida pelos diversos paradigmas tecnológicos, sendo que, cada um destes evolui através da expansão de sua dominância. As determinações das instâncias mais extremas, a externa e a interna, de nosso esquema, são indispensáveis para o balizamento das análises. A mais ampla atende a necessidade de se respeitar a historicidade das categorias, e a mais restrita dará maior concretude a questão que se queira enfocar. Mas, fica faltando um dial para operarmos com a sintonia fina dentro deste espaço

---

<sup>3</sup> Concretamente, nos anos que antecederam a Dêbacle/Globalização, a atenção se concentrou nos movimentos cíclicos e não se previu a explosão das mudanças pela passagem para um novo Paradigma tecnológico. Desde aquele choque de surpresas, pouca atenção tem sido dedicada aos mecanismos cíclicos.

teórico já delimitado. É necessário introduzir uma ligação entre o social e o tecnológico, a mediação da **SUPERESTRUTURA**. Nossa conjectura é que esta terceira instância se desenvolve apresentando movimentos cíclicos sintonizados com a evolução dos paradigmas tecnológicos. A estes ciclos demos o nome de Polanyi, autor cujo trabalho nos forneceu esta inspiração. Trata-se de uma estrutura ainda em construção, mas, com alguns traços fundamentais já definidos.

**Figura 1**



**5.1 - O Modo de Produção.** A participação desta categoria no Modelo nada tem de original. O esforço aqui é no sentido de procurar resgatar o sentido ortodoxo de alguns conceitos, cuja utilização ao longo do tempo se deturpou.

A opção tomada neste trabalho foi de iniciar por onde seria mais natural, discutindo o arcabouço criado por Marx, e enriquecido por seguidores, para estudar e interpretar a História, particularmente do

capitalismo. Vamos fazê-lo procurando nos restringir aos seus elementos cruciais mais abstratos, de forma a obtermos o que usualmente é referido como um modelo. Assim será feito porque o interesse é utilizar este ferramental para análises do momento atual. Necessitamos então dispor de um sistema o mais depurado possível de elementos conjunturais.

Isto não é trivial. Dentro do volumoso trabalho de Marx, há só alguns poucos trechos relacionados fortemente ao que seria sua Teoria da História e o seu método <sup>4</sup>. Sem dúvida faz falta a presença de uma peça mais orgânica e perfeitamente acabada. Temos então que completar o quadro com material de outros trabalhos de Marx, e de seus seguidores. Surgem então alguns problemas. Um deles é que muitos autores, o próprio Marx incluído, fizeram utilizações deste método para análises de situações concretas diversas, e muitas vezes o utilizaram inadequadamente, por restringi-lo em face de elementos conjunturais <sup>5</sup>. Mas, o problema maior decorre de alguns entendimentos, a nosso ver incorretos, que se tornaram quase consensuais em virtude da ampla difusão de idéias realizada através de um bom número de trabalhos teóricos dirigidos ao mesmo, os famosos Manuais de marxismo. A primeira tarefa que enfrentaremos então será tentar separar o joio do que, aos nossos olhos, é o trigo.

Em relação ao Modo de Produção, Cohen, 1978, faz boa contribuição ao assunto, apresentando o resultado como a Teoria da História de Marx. Utiliza intensamente em seu estudo um trecho muito conhecido do autor, pertencente ao 'Prefácio' de sua 'Crítica da Economia Política', de 1859. Vale a pena reproduzir partes do mesmo, pois, além de sintetizarem esta teoria, para alguns trará lembranças:

“na produção social de sua existência, os homens estabelecem relações determinadas, necessárias, independentes da sua vontade, relações de produção que correspondem a um determinado grau de desenvolvimento das forças produtivas materiais. (...) Em certo estágio de desenvolvimento, as forças produtivas materiais da sociedade entram em contradição com as relações de produção existentes (...). De formas de desenvolvimento das forças produtivas, estas relações transformam-se no seu entrave. Surge então uma época de revolução social. (...) Uma organização social nunca desaparece

---

<sup>4</sup> Os dois mais conhecidos estão referidos adiante. O relativo à uma Teoria da História está citado neste item mesmo, e o sobre o método no item 6.

<sup>5</sup> Ao longo do texto faremos referência a diversos autores, algumas vezes de forma crítica. Para evitar mal entendidos, é bom deixar claro que isto não significa desconhecer a importância científica dos mesmos ou de suas contribuições. Mas, todos cometem erros. E, se os podemos apontar, graças ao fato de desfrutarmos de uma posição de observação mais vantajosa, dado ao distanciamento histórico que permite uma observação mais nítida, isto em nada nos põe em posição sequer de comparação com os mesmos.



antes que se desenvolvam todas as forças produtivas que ela é capaz de conter; nunca relações de produção novas e superiores se lhes substituem antes que as condições materiais de existência destas relações se produzam no próprio seio da velha sociedade. (...) Em um caráter amplo, os modos de produção asiático, antigo, feudal, e burguês moderno podem ser qualificados como épocas progressivas da formação econômica da sociedade.” (Marx, 1977, pp. 24/5)

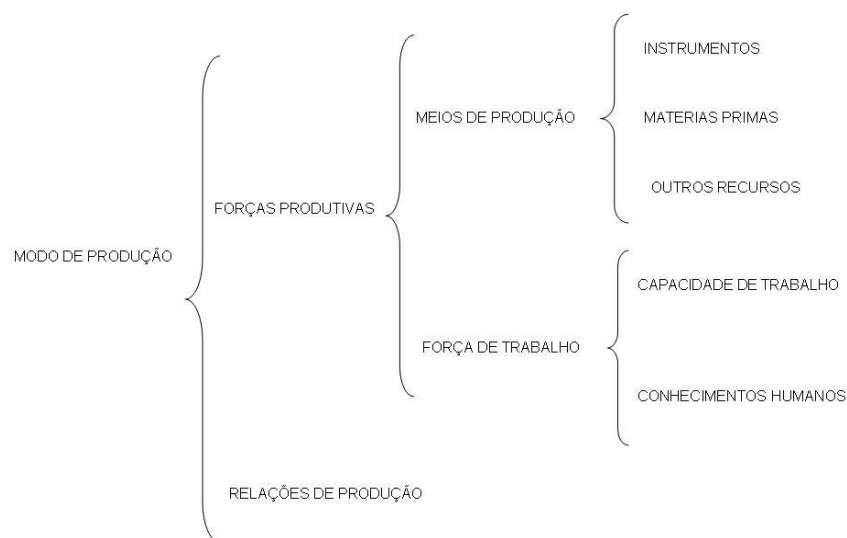
Esta passagem tornou-se muito conhecida por ter se constituído na fundamentação usual da Abordagem, ou do Método, Histórico Estrutural. O conceito central, nessa sucessão de estruturas que compõem a História, é o de Modo de Produção, a forma de organização econômico/social de um povo em determinado momento histórico, que resulta da articulação entre suas forças produtivas e suas relações de produção <sup>6</sup>.

O esquema abaixo é só para repassar o jargão. Como se sabe, as forças produtivas incluem os meios de produção, isto é, os instrumentos de produção, as matérias primas e outros recursos produtivos, assim como a força de trabalho, ou seja, as faculdades produtivas dos trabalhadores que, por sua vez, inclui a força em si e os conhecimentos humanos, conforme o esquema abaixo. Observe-se então que, quando referimos ao nível tecnológico da produção, estaremos lidando com uma categoria que tem muitos pontos em comum com as idéias de modo de produção, em sentido técnico, e de nível das forças produtivas. Quanto à dinâmica do Modo, a mesma atenderia a seguinte lógica. Os capitalistas, em virtude da luta de classe contra o operariado e, também, em função da concorrência intraclasse, buscam dotar os processos produtivos que exploram de avanços tecnológicos. A partir daí, as ações e reações das diversas classes e grupos vai desenhando a História.

Como o outro conceito básico, o de relações de produção, está claramente apresentado na citação, podemos passar a abordar outros pontos relevantes para nossa discussão.

---

<sup>6</sup> Vale lembrar que, em outros momentos, Marx utiliza esta mesma expressão, modo de produção, em sentido mais restrito, técnico, literal mesmo, como a maneira de produzir, o que pode ter levado a alguma confusão.



5.1.1 – **A Lei da Correspondência Necessária entre as Relações de Produção e o Caráter das Forças Produtivas**. Um exemplo emblemático do reducionismo a que foi submetida esta visão poderia ser apresentado comentando-se esta muito familiar, e mal interpretada, ‘Lei’. Em muitos livros de divulgação do Materialismo Histórico esta lei surge como elemento central da teoria Marxista. Em alguns destes trabalhos, a interpretação do termo ‘Necessária’ é feita como algo automático e imediato. Isto implicaria na possibilidade de derivar dois corolários que são de especial interesse para nós.

5.1.1.1 – **Primeiro Corolário**. Este tipo de interpretação da lei permite concluir que haveria uma camisa de força, associando um determinado nível das forças produtivas, uma tecnologia, a um tipo de relação de produção. Ou seja, se a produção funciona utilizando a tecnologia x, os homens estarão forçosamente mantendo a relação social y, que seria aquela que lhe corresponde. Vejamos um par de exemplos desse raciocínio, que contém esta associação mecanicista. Afanassiev, 1963, p.228, afirma: “Deste modo, *as forças produtivas determinam, geram as relações de produção.*” O destaque é do autor. Politzer et al, 1970, p. 234, é ainda mais explícito. Após algumas explicações, enuncia a lei e a apóia com uma citação de Stalin:

“É a *lei de correspondência necessária* entre as relações de produção e o caráter das forças produtivas: “*Tais são as relações de produção, tais devem ser as forças produtivas.*” (Stalin, II, pág.23). Os destaques são do autor e o negrito nosso.

Naturalmente não era essa a visão de Marx. O que nos transmite a análise de muitos de seus textos é que existem tecnologias e relações de produção que se harmonizam (casam com perfeição) e outras não. Esta harmonia se dá porque uma suscita a outra, funciona melhor com a outra <sup>7</sup>. Porém, mesmo havendo contradições, não é possível deduzir que haveria colapso instantâneo ou impedimento absoluto de funcionamento no caso de descompasso entre as categorias. Em verdade, este tipo de situação está presente em inúmeros trechos de Marx, quando o mesmo descreve situações onde uma relação mais avançada funciona com tecnologia mais atrasada, ou vice versa <sup>8</sup>. Este corolário choca-se ainda mais fortemente com a realidade na medida em que nos afastamos de um nível mais abstrato e nos dirigimos para a realidade concreta onde constatamos que, mesmo dentro de um único país, e com a mesma relação social, funcionam operações em níveis tecnológicos muito diferentes.

No entanto, é preciso dizer que esse autor escreveu uma passagem que foi utilizada por alguns analistas para alimentar esta visão:

“As relações sociais estão, intimamente, vinculadas às forças produtivas. Ao adquirir novas forças produtivas, os homens **trocam** de modo de produção e ao trocar de modo de produção, a maneira de ganhar a vida, trocam todas as relações sociais. O moinho movido a braços, dá-nos a sociedade dos senhores feudais; o moinho de vapor, a sociedade dos capitalistas industriais.” (Marx, 1976, pp. 104/5, negrito e grifo nossos)

A verdade é que, embora aumente progressivamente a contradição entre o nível das forças produtivas e as relações de produção, à medida que as primeiras avançam, a sociedade dos capitalistas industriais encontrou formas de conviver, também, com ‘moinhos’ elétricos, atômicos, etc.. Mas será que a expressão – **trocam** - acima é algo de sentido tão automático como surge em algumas interpretações da Lei? Primeiro, é necessário dizer que entre as épocas em que escreveu este trabalho, 1846 a 1847, e o texto apresentado antes, do ‘Prefácio’, transcorreram por volta de 12 anos, que seria tempo suficiente para justificar a evolução de uma idéia. Se é que havia alguma idéia de ligação automática implícita. Também, esta afirmativa, ao que nos consta única neste teor, se perde em meio a dezenas de outras, relevantes, em sua obra, onde nunca se repete este determinismo. Mesmo assim, a passagem é

---

<sup>7</sup> Da mesma maneira que, dependendo das características da tarefa a ser executada pelo trabalhador, pode haver formas mais, ou menos, convenientes para o capitalista de combinar o montante a ser pago como salário, Cf. Katz 1984.

<sup>8</sup> Por exemplo, ver Marx, O capital, Livro I, especialmente no capítulo XIII, item 8.

muito lembrada como um dos exemplos dos ‘erros’ de Marx. Há outras possíveis defesas do autor, como a de lembrar que, neste momento de seu debate com Proudhon, estaria argumentando pela determinação, a partir do mundo material, de “os princípios, as idéias e as categorias econômicas”, que seriam “produtos históricos e transitórios” e não eternos, nem resultado “da razão impessoal da humanidade”. (Marx, 1976, pp. 104/5). Daí o mesmo ter se descuidado e carregado nas cores da forma de ligação entre as categorias.

5.1.1.2 - **Segundo Corolário.** Esta conclusão se relaciona com a primeira, mas, diz respeito a uma questão específica do capitalismo. Trata-se da idéia de que, uma vez instalada a contradição entre a tecnologia em uso no momento e a relação capitalista, o modo de produção passaria a funcionar sob imensas dificuldades. Não se considera a possibilidade de utilização pelo capital de grande variedade de expedientes procrastinatórios, de cooptação e acomodatórios. Salta-se para a conclusão de que, com grandes dificuldades de sobrevivência, rapidamente o capitalismo estaria na eminência de ser destruído. Vejamos um exemplo:

“A correspondência entre as relações de produção e o caráter das forças produtivas é uma condição indispensável do desenvolvimento da produção. Sob uma ou outra forma, ela tem lugar em todas as formações econômico-sociais, porém, nas formações pré-socialistas baseadas na propriedade privada e na exploração, **as relações de produção não podem corresponder durante muito tempo às forças produtivas** que se desenvolvem constantemente.” Afanassiev, 1963, p. 228. Grifo nosso.

Como se sabe, temos uma realidade onde a tecnologia prevalecente, de há muito tempo, foi criada, em sucessivas gerações, já depois do domínio do Modo de produção capitalista. Em sendo assim, o segundo Corolário indicaria que as condições, ou exigências, já estariam postas para a mudança no modo de produção. Como este tipo de afirmação se repetiu em algumas ocasiões ao longo do século XX, o segundo corolário tem funcionado através da apresentação de uma conclusão móvel e recorrente. Outro exemplo, de período anterior, pode ser lembrado citando Lênin, que em 1916 afirmou:

“De tudo que deixamos dito acerca da natureza econômica do Imperialismo, resulta que devemos caracterizá-lo como um capitalismo de transição, ou mais exatamente, como **um capitalismo agonizante.**” (Lênin, 1974, p. 169). Negrito nosso.

O segundo corolário, observado *ex-post*, choca-se tão fortemente com os fatos que nem é necessário criticá-lo. A História já o contrariou inúmeras vezes. No entanto, enunciamos o mesmo, pois, assim ressaltamos a importância de se distinguir entre uma proposição como a do ‘Prefácio’, que é relativa a tendências, e outro tipo de afirmativas, as de natureza determinística. A nosso ver, seria mais apropriado falar na ‘A Lei de **Tendência** a Correspondência entre as Relações de Produção e o Caráter das Forças produtivas’.

Outro problema resultante deste segundo corolário é que o tipo de perspectiva que o mesmo oferece não nos prepara para a expectativa da vinda, ou da possibilidade de vinda, ainda sob a égide do capital, de outras tecnologias, ainda mais avançadas do que as atualmente em uso, e que induzam nova fase de dinamismo. Esta concepção é recorrente. Encontra-se no “Imperialismo Estádio Supremo do Capitalismo” quando o modo de produção é acusado por Lênin de parasitismo e de podridão, no “Capitalismo Monopolista” de Baran e Sweezy, em muitos dos trabalhos sobre o estagnacionismo e nas comparações entre fases concorrenciais, associadas a dinamismo e mudança, e fases monopolistas que seriam de marasmo<sup>9</sup>. Essas análises talvez fossem reflexos fiéis de momentos particulares da existência do capitalismo, o risco é quando se transformam em padrão de análise e de previsão, congelado no tempo. Não há dúvida de que isto contribuiu para que fossemos surpreendidos pelos fatos da década dos 90.

**5.2 – A Base Tecnológica: O Paradigma Dominante.** Além de tentar reunir, a partir da visão marxista clássica<sup>10</sup>, elementos pertinentes ao tema, adicionaremos colaborações de contribuições mais recentes. O que se busca aqui é mostrar a importância de incorporar a ocorrência de períodos, onde têm dominância determinado Paradigma Tecnológico, na compreensão dos movimentos da economia e no formato da sociedade. Esta instância mais interna de nossa estrutura sistêmica é aquela definida pelos movimentos importantes de mudança tecnológica<sup>11</sup>. Observe-se que, do ponto de vista do Sistema, o formato estrutural desta instância é distinto daquele da anterior, que era invariante, sendo este caracterizado por uma periodização dada pela

---

<sup>9</sup> Encontram-se exemplos idênticos, também, nos manuais. Ver, Politzer et al, 1970, p. 233 e Afanassiev, 1963, p. 236.

<sup>10</sup> A importância que damos ao aspecto tecnológico na reconstrução de nosso sistema é, como afirmado anteriormente, uma influência genuinamente Marxista. Para uma análise da importância que dava Marx ao aspecto tecnológico, e desmistificar alguns equívocos relacionados, ver Rosenberg, 1981.

<sup>11</sup> Reconhecemos que se trata de um salto muito grande, sobretudo porque se passa de uma abordagem em nível muito abstrato, para a realidade histórica concreta. Fazemos assim por conveniência de exposição, porém, adiante tentaremos construir uma instância intermediária, que suavizará esta passagem.

dominância de um Paradigma tecnológico. Antes porém de entrarmos na matéria em si, vamos adotar um sistema de datação, meramente para efeito de referências, sem significar nenhum outro compromisso teórico.

**5.2.1 – Uma cronologia da evolução tecnológica.** Para a finalidade deste estudo o que interessa é observar as mudanças tecnológicas profundas, pois, essas é que deverão repercutir mais fortemente na economia e na sociedade. Vem de imediato à lembrança os nomes de Kondratieff e Schumpeter e colaborações mais recentes de Neo-Schumpeterianos.

Freeman e Perez, 1988, apresentam uma taxonomia de inovações definindo quatro graus de mudança tecnológica, em ordem crescente de potência, em função da amplitude e da profundidade das mudanças que provocam em toda a economia. São elas as Inovações Incrementais, as Inovações Radicais, as Mudanças de ‘Sistema Tecnológico’ e as Mudanças no ‘Paradigma Tecno-econômico’ (Freeman e Perez, 1988, p.45). Estas últimas são as que nos interessam, pois, causam efeitos que se espalham por toda a economia provocando as ondas longas de desenvolvimento econômico.

Outra colaboração interessante destes autores é a construção de um quadro onde caracterizam as principais ondas longas. A periodização utilizada, de certo modo, funde os conceitos dos ciclos de Kondratieff com as Mudanças no Paradigma Tecno-econômico. Naturalmente, como se trata de um exercício baseado em modelos, também são apresentados ciclos de Kondratieff que ocorreram após sua morte. A primeira destas ondas longas teria se iniciado com uma ascensão entre 1770 e 1780 e se encerrado em declínio entre 1830 e 1840, e teria sido baseada na expansão da indústria têxtil e na difusão do uso fabril da máquina a vapor. A segunda (de 1830/1840 a 1880/1890) teve como elementos mais importantes as ferrovias e o aço. A terceira (de 1880/1890 a 1930/1940) baseou-se na eletricidade, nos motores de combustão interna e na indústria química. A quarta (de 1930/1940 a 1980/1990) apoiou-se na indústria automobilística, na petroquímica e nos eletrônicos. Finalmente, de 1980/1990 até período ainda desconhecido, estaríamos na quinta onda centrada nos computadores e nas indústrias ligadas as informações e comunicações, Freeman e Perez, 1988, pp.50/3 <sup>12</sup>.

Portanto, esta instância mais interna da estrutura de nossa visão sistêmica, em conjunto com a primeira, permite que nos situemos em um marco de referências temporal e analítico definido pela quinta onda larga do modo de produção capitalista.

---

<sup>12</sup> Esta cronologia foi importada de Katz e Sicsú, 2001.

5.2.2 – **A abordagem Clássica.** Uma das idéias apresentadas no trecho do ‘Prefácio’ reproduzido acima, é que, a partir de uma situação de certa compatibilidade entre forças produtivas e relações de produção, o contínuo avanço tecnológico leva a que: “Em certo estágio de desenvolvimento, as forças produtivas materiais da sociedade entram em contradição com as relações de produção existentes”. Dito de outra forma, a partir de certo ponto, o avanço no nível tecnológico dos processos produtivos gera uma situação de contradição com a relação de produção vigente.

Nada a acrescentar ou reparar, porém, consideremos que, quando Marx escreveu o ‘Prefácio’, o capitalismo já tinha apresentado importantes avanços na incorporação de novas tecnologias, na verdade já se havia entrado no que se refere como o segundo dos ciclos de Kondratief, portanto, já existia contradição entre o nível das forças produtivas e as relações de produção vigentes. No entanto, apesar das suas misérias, não só a economia capitalista funcionava, como também não há sinal de que Marx considerasse que já havia sido atingida a última fronteira do desenvolvimento tecnológico compatível com este Modo. Ao contrário, quando refere à apropriação da ciência pela produção antevê possibilidades amplas de realizações, mesmo porque: “A burguesia não pode existir sem revolucionar constantemente os meios de produção...” Marx e Engels 1978, p. 96.

Ou seja, nossa leitura é de que, apesar do nível das forças produtivas a partir de certo momento já estar acima da compatibilidade ótima com as relações de produção, sucessivas ondas de inovação poderiam, e podem ainda, ocorrer nos marcos do capitalismo. Não haveria um nível C (de colapso), determinado, das forças produtivas, tal que, uma vez atingido, o modo de produção explodisse ou parasse de funcionar. Cohen, 1978, também defende esta posição, como pode se ver, por exemplo, no trecho seguinte:

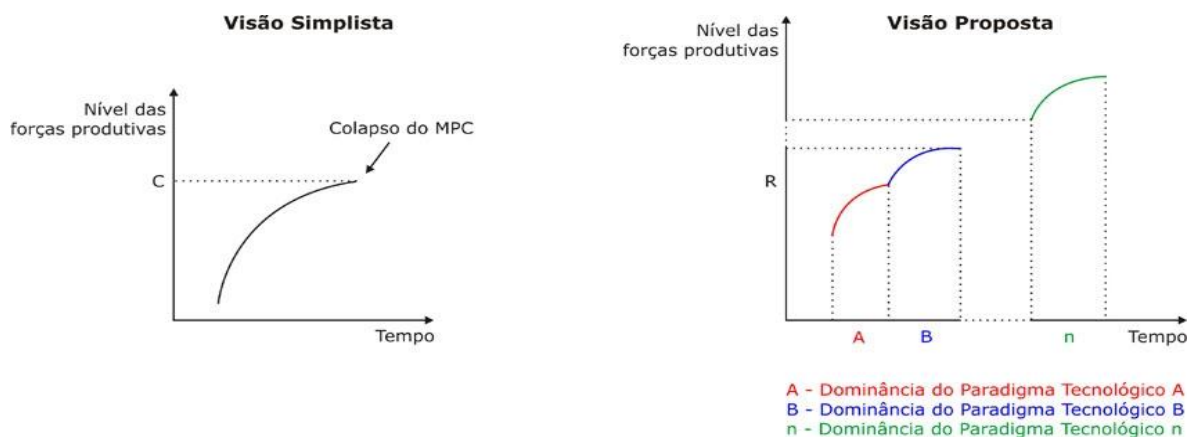
“ Nor is it possible to provide a *general* statement of how much productive power must increase for a consequent change in production relations to occur.” Cohen, 1978, p. 135. Destaque do autor.

Na realidade, para Marx, parafraseando Vinicius, parece haver a idéia de um movimento, não eterno, mas contínuo enquanto dura:

“... la productividad del trabajo, la masa de la población y la masa de la sobrepoblación, desarrolladas por este modo de producción, suscitan incesantemente – con el capital y el trabajo ahora disponibles – nuevas ramas productivas, en las cuales el capital puede trabajar nuevamente en pequeña escala y recorrer nuevamente los diversos estadios de desarrollo, hasta que

também comienza a explotarse en escala social esas nuevas ramas de actividad. [Es] éste un proceso continuo.” Marx, 1978, p.73. Negrito nosso.

Figura 2



Caberia a pergunta provocativa, poderia este processo se eternizar? O Sistema que estamos analisando se expressa pela presença de um conjunto de tensões, tendências, que pressionam continuamente em uma direção, a da destruição do modo <sup>13</sup>. Porém, como sempre ocorre, há também contra-tendências que atuam em direção oposta, dando como resultado dialético o desenrolar da História <sup>14</sup>. Concretamente, o “conflito que existe entre as forças produtivas sociais e as relações de produção” (Marx, 1977 p. 25), leva, no caso do capitalismo, a burguesia a tentar contornar o problema por varias vias, que terminam por conduzir a novos avanços no nível dessas forças produtivas. No entanto, ao tempo em que logra sucesso neste intento, tem como resultado, também, um agravamento das contradições:

<sup>13</sup> O conflito inerente ao capitalismo, que gera sua contradição principal, leia-se permanente, existe porque quanto mais avança a tecnologia, mais socializada se torna a produção. No entanto, o funcionamento próprio do modo faz com que o grupo que se apropria da maior parte de seus resultados se torne cada vez mais estreito. Em nossa opinião, essa é uma razão suficiente para entendermos que há uma tendência a continuação e ao crescimento das pressões contra a propriedade privada dos meios de produção, aumentando assim a probabilidade de que, em algum momento seja feita uma transformação para um modo onde não exista propriedade privada dos meios de produção. Agora, para que isto ocorra é necessário que haja uma conjunção de condições favoráveis, em termos nacionais e internacionais, com um movimento de um grupo disposto a, e em condições de, criar uma nova sociedade. As tentativas de prever quando este momento acontecerá, e onde será, não tem tido sucesso. Marx e Engels, no Manifesto, caíram na esparrela de fazer esta tentativa (Marx e Engels, p. 123).

<sup>14</sup> Fine e Harris, 1979, trabalham muito bem esta questão da dialética das tendências e contratendências no capítulo intitulado “The Law of the Tendency of the rate of Profit to Fall”. Esclarecem também, p. 64, que quando Marx refere-se a uma lei econômica, está tratando de uma tendência.



“As forças produtivas disponíveis já não mais favorecem as condições da propriedade burguesa; ao contrário, tornaram-se poderosas demais para essas condições que as entravam; e, quando superam esses entraves, desorganizam toda a sociedade, ameaçando a existência da propriedade burguesa. (...) E como a burguesia vence essas crises? De um lado, pela destruição violenta de grande quantidade das forças produtivas; do outro, pela conquista de novos mercados e pela intensa exploração dos antigos. Portanto, prepara crises mais extensas e mais destrutivas, diminuindo os meios de evitá-las.” (Marx e Engels, 1978, p. 99).

Em relação à revolução social referida por Marx, o **R** na figura do lado direito acima, não se trata de um instante de explosão, com hora marcada. Mas, de um processo de lutas, durante o qual as contradições em certos períodos aumentam, em outros diminuem, sempre se recolocando em patamares mais altos <sup>15</sup>. Comentando esta revolução, Cohen, 1978, afirma:

“It is not a briefish transformation which ensues when forces and relations are in conflict, but a protracted period of transition, possibly lasting centuries. (...) It means that *temporary* fossilization and regression are possible. The arrival of the new society may be delayed, and there may be some backward steps on the way to it, but come it must in the end.” (Cohen, 1978, p.142, destaque do autor).

Ao longo destas crises apresentam-se oportunidades de mudanças radicais. A consumação final tende a ocorrer como resultado da ação dos homens <sup>16</sup>, e na medida em que as tentativas tenham sucesso.

A título de resumo, podemos dizer que a visão que trazemos desta instância da Base Tecnológica é marcada pela possibilidade de se assistir ao estabelecimento de uma sucessão de avanços no nível de suas forças produtivas. Vimos também que, embora ao longo deste processo suas contradições se ampliem, o quando e como da mudança para outra formação

---

<sup>15</sup> Em relação a esse momento de paroxismo da crise, em que pode ocorrer a mudança do modo de produção, Marx demonstra ter muita sensibilidade política e cautela. Em 1850, na revista *Neue Rheinische Zeitung*, analisando a evolução da economia e da política dos últimos anos diz:

“Nesta prosperidade geral, em que as forças produtivas da sociedade burguesa se desenvolvem com toda a exuberância de que são susceptíveis no quadro das relações burguesas, não pode estar implícita uma verdadeira revolução. Tal revolução apenas é possível nos períodos em que estes dois fatores, as forças de produção modernas e as formas de produção burguesa, entram em conflito. (...) Uma nova revolução só será possível como consequência de uma nova crise. Mas tão certa é uma como a outra.” Cf. Marx, 1977, p.8.

<sup>16</sup> Enquanto a burguesia busca seus caminhos e suas saídas, como afirmado acima, cabe a classe trabalhadora a superação do impasse, com a quebra do círculo vicioso.

econômico/social dependerá de fatores e eventos de difícil previsão. Ou seja, algumas destas mudanças no paradigma tecnológico poderão ocorrer dentro dos marcos do modo.

5.3 – **A Superestrutura.** Este item supera todos os outros, em termos de ousadia, pois, é aqui onde tentamos fazer uma **adição** ao Modelo. Para tal, pareceu-nos necessário recorrer a discussões preparatórias e, sobretudo, apelar para a paciência do leitor.

5.3.1 – **Introduzindo a Proposta.** No item 4, adiantamos que iríamos adicionar ao Modelo um mecanismo para tentar aperfeiçoá-lo, e que operaria no sentido de buscar evitar a ocorrência de um equívoco metodológico importante e bastante comum. Nada melhor para fazê-lo, do que utilizar a história de como cometemos este equívoco. Ao mesmo tempo em que esclarece, funciona como uma autocrítica. Na verdade, a preparação deste trabalho e, muito mais, os estudos e reflexões sobre o assunto desenvolvidos nos últimos anos, nos deu uma lição no que diz respeito a método que devemos explicitar. Trata-se do que entendemos ser uma outra idéia força do artigo, no caso uma tentativa de contribuição no campo da metodologia mesmo de análises sócio econômicas em geral.

É muito comum encontrar-se em trabalhos heterodoxos, e da Esquerda, críticas à utilização pelos autores devotos do *Mainstream* do artifício do *Ceteris Paribus*. No entanto, é preciso dizer que sua utilização inadequada transcende fronteiras ideológicas. Na verdade, em muitos trabalhos da Esquerda encontram-se análises de situações, muitas vezes bastante lúcidas e incorporando denúncias importantes, mas, onde a delimitação da avaliação, no sentido temporal, é congelada em uma foto, abandonando o exercício de especular opções para os possíveis filmes. Rotulamos este tipo de falha de **Miopia**, pois, é como se o autor tivesse esse defeito ocular que permite ver com muita nitidez e clareza o ambiente que lhe cerca, em nossa imagem o mais próximo fisicamente, mas, a alusão é também a tempo, e perdesse completamente a percepção do que existe, ou pode vir a existir, a uma maior distancia. Em terminologia matemática, se descreveria estes tipos de análises dizendo que se concentram em deslocamentos na curva, e não consideram deslocamentos da curva.

Durante a década dos 80 trabalhamos com a questão do desenvolvimento do capitalismo na periferia, enfocando particularmente o caso do Brasil. Tivemos então a oportunidade de identificar este tipo de equívoco em diversos trabalhos sobre subdesenvolvimento. Analisavam com

muita clareza as dificuldades de desenvolvimento de um determinado país da periferia, em um dado momento, mostravam quais eram as barreiras, e concluíam sobre a impossibilidade deste processo. Acontece que as previsões para o futuro se baseavam em uma visão congelada da realidade. De fato, em alguns casos, particularmente no do Brasil, ocorreram mudanças em relação às barreiras tomadas como estruturais, e muitas das previsões vieram por água a baixo <sup>17</sup>. Para usar de novo a linguagem matemática, ocorriam mudanças nos parâmetros e, como consequência, deslocamentos nas curvas. Isto seria como uma ‘Miopia do Plano’, porque a mudança da realidade do país, ou do que estivesse em foco, se dá pela aproximação com algo que já existe na mesma realidade, no mesmo plano.

Este tipo de problema pode se apresentar também de uma maneira muito mais difícil de prever, e nos conduzir a incorrer no erro da ‘Miopia do Espaço’. Isto ocorreria quando a curva se deslocasse para fora do plano, um modo simples de dizer que a mudança é verdadeiramente estrutural, e as formas tomariam contornos ainda não existentes na realidade. No passado, mais precisamente durante a década dos 90, caímos neste segundo tipo de armadilha, quando nos concentramos em criticar os erros dos seguidores das teorias do subdesenvolvimento, afirmando que o Brasil poderia romper esta barreira. Distraídos com esse assunto, que não deixava de ser uma real possibilidade na altura, não nos demos conta que a mudança de Paradigma Tecnológico que estava se iniciando, doravante referida como a Mudança, um verdadeiro *Tsunami*, poderia perturbar o processo, como de fato perturbou. Aliás, a distração em relação ao novo momento emergente foi muito ampla.

As reações a fenômenos drásticos e inesperados em geral incorporam algum *overshooting*. O que se deu a seguir foi uma verdadeira enxurrada de recomendações para que se observasse o novo e se jogasse no imprevisto, o que virou verdadeira mania. Em nossa opinião, a mudança no Paradigma Tecnológico vigente foi de tal forma violenta, que levou a maior parte dos analistas a, a partir de então, se concentrarem exclusivamente nas transformações estruturais. Sofre influência desta ‘onda metodológica’, por exemplo a teoria da ‘Financeirização’, como estado definitivo do capitalismo daqui para frente. Pois, a nosso ver, se incorporaram a mudança catártica em suas análises, começaram a incorrer em novo erro ao passar a esquecer de considerar a existência, e importância, dos movimentos cíclicos no desenvolvimento do capitalismo.

---

<sup>17</sup> Vale ressaltar que isto não significa que não reconhecamos importância e o valor destes trabalhos. Muitos são ótimas radiografias e fazem importantes denúncias. Em alguns casos o raciocínio sobre o futuro é que fica engessado. Ver Katz 1984.

Para resumir esta introdução, podemos dizer que, em nossa opinião, a mudança no Paradigma Tecnológico Dominante resultou em transformações econômicas e sociais, de tal forma violentas, que levou a maior parte dos analistas a, praticamente, deixar de considerar a existência e importância dos movimentos cíclicos no desenvolvimento do capitalismo. A lição de metodologia que daí se depreende é a indispensável necessidade de se estar atento a ambas, as mudanças estruturais e as cíclicas, pois, é a combinação das duas que faz a história fluir. Sendo que, no momento, neste texto, torna-se primordial a intenção de tentar resgatar os efeitos dos componentes cíclicos, de forma combinada com as mudanças estruturais, porque esta última foi tão brilhante que ofuscou e fez esquecer os primeiros. Para tal introduzimos o conceito de **Ciclos de Polanyi**. Estes ciclos seriam fases Históricas do MPC, definidas pelo predomínio de determinados paradigmas tecnológicos, durante as quais ocorreria uma evolução do quadro econômico, social e político.

5.3.2 – **Karl Polanyi, a “Grande Transformação”, e outros: reconhecimento, créditos e diferenças.** A leitura de determinados trabalhos resultou na fusão de pensamentos que nos conduziram a sugerir esta adição. A incorporação de idéias, ou de pistas, destes autores se deu de forma mais, ou menos, consciente, mas, há diferenças em relação ao nosso entendimento. Por essa razão, ao mesmo tempo em que apresentamos reconhecimento às inspirações e influências, temos que apontar distinções para isentá-los de responsabilidade sobre possíveis erros nossos.

Começamos comentando aspectos da contribuição de Karl Polanyi. Este autor nasceu na Áustria e estabeleceu-se na Inglaterra, entre a primeira e a segunda grande guerra, tendo a partir de então dividido seu tempo entre este país e os EUA. Suas colaborações concentraram-se na área da História, destacando-se o tema da organização social. Era um pensador cristão, e fez de sua mais importante obra, “A Grande Transformação”, uma forte peça de ataque ao capitalismo dominado pelo *Laissez Faire*.

Neste trabalho seminal, Polanyi analisa um período de quase cem anos de História Econômica, a partir das décadas de 20 e 30 do século XIX, enfocando principalmente a Inglaterra, mas, referindo também a outros países centrais. Ao longo deste tempo teria ocorrido “a ascensão e queda da hegemonia da economia de livre mercado”. Registra, de acordo com as palavras de MacIver na introdução a aquele trabalho, a “devastação social de um *sistema* incontrolado, a economia de mercado” (Polanyi, 2000, p.10, grifo do autor), que teria ocorrido nas primeiras décadas do período analisado. Sua ‘Grande Transformação’ teria se completado, durante a primeira metade do século XX,

com a perda de terreno do liberalismo e da auto-regulação, absoluta, dos mercados. O trabalho em si, além de ser impressionantemente válido para comparações com o momento atual <sup>18</sup>, é um forte libelo em favor das teses sociais democratas.

Devemos registrar também, que para nós, esta obra foi fundamental como fonte de inspiração. O contacto com o livro, no contexto da passagem do século XX para o XXI, levou-nos a cogitar sobre a possibilidade de que a história que Polanyi descrevera e analisara, talvez, não fosse um fato episódico, mas sim um movimento que poderia se repetir em circunstâncias similares <sup>19</sup>. Sugeriu-nos, primeiro, a especulação da possibilidade de movimento e, em seguida, de sua replicação em ciclos. A partir daí, evoluímos para a proposição de uma conjectura que afirma que a Grande transformação (GT), como descrita originalmente por Polanyi, teria características cíclicas, e que poderiam ocorrer outras GTs. Observe-se que há importantes semelhanças entre a fase inicial da GT de Polanyi, época do debate pelo Livre Cambismo nas relações internacionais e de destruição das redes de proteção social até então existentes, com o recente período crítico da globalização, quando se procurou destruir construções anteriores da social democracia, como o *Welfare State*, os sistemas de subsídios e de incentivos, e na frente internacional cresceu o espaço do discurso favorável ao livre comércio.

Há mais um elemento em nossa conjectura que convém referir. Polanyi acompanha sua descrição analítica da “ascensão e queda” através dos fatores sociais e políticos, com reflexos no econômico. De nossa parte, entendemos que há um importante papel desempenhado em todo este processo pelas mudanças tecnológicas. As mudanças nos paradigmas tecnológicos teriam papel fundamental em sua deflagração, e na definição dos termos de funcionamento das leis de movimento das GTs, ou dos Ciclos de Polanyi. Mais especificamente, nosso entendimento é que a atual GT está sendo movida pelas importantes mudanças em curso, decorrentes da implantação, quase simultânea, de um vasto conjunto de inovações tecnológicas. A GT de Polanyi, por sua parte, teria recebido sua dinâmica da segunda e da terceira ondas longas referidas antes.

De Polanyi então vieram as luzes do farol da História. Outros autores nos influenciaram pelo destaque do funcionamento dos mecanismos cíclicos. Vale registrar, mesmo que brevemente, duas importantes contribuições para a

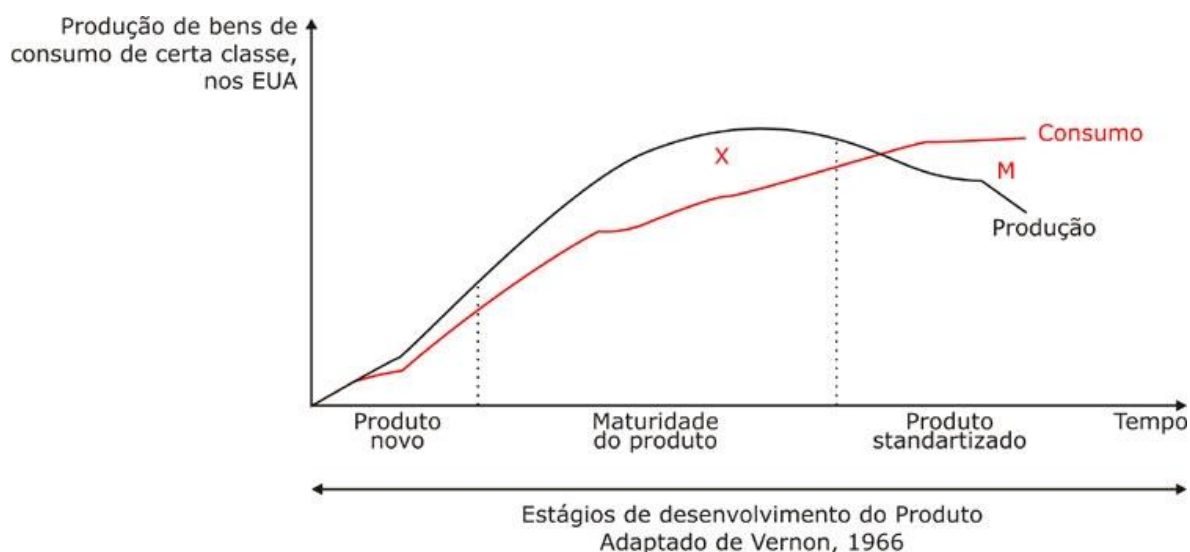
---

<sup>18</sup> Acerca disso, ver introdução de Stiglitz a nova edição do livro, de 2001.

<sup>19</sup> Como dissemos antes, beneficia-nos muito a posição privilegiada no tempo para executar esta reflexão. A primeira edição deste livro é de 1944, e Polanyi faleceu em 1964.

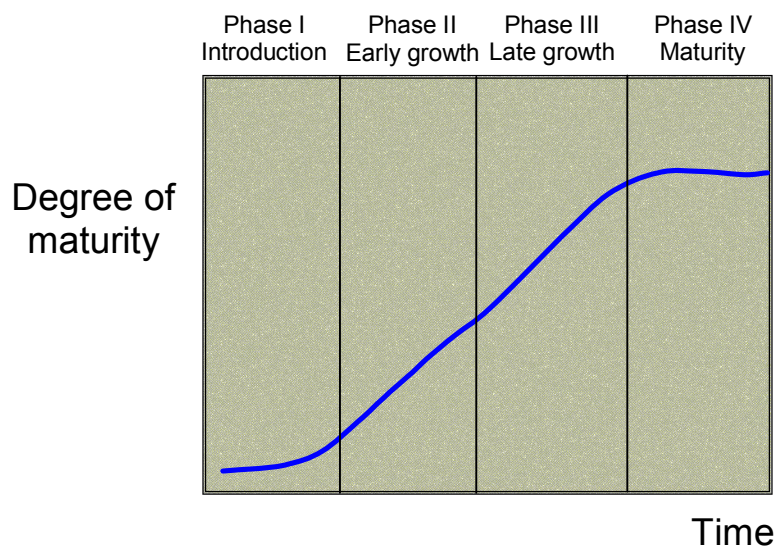
consagração da importância deste tipo de movimento na economia. A primeira seria a do “Ciclo do Produto” de Vernon, 1996. O autor afirmou que certas classes de produtos atravessam um ciclo, do momento de sua concepção até a sua maturidade, no que diz respeito às condições de otimização da localização da sua produção. A Figura abaixo, sintetizada a partir de Vernon, 1966, é auto-explicativa.

**Figura 3**



Importantes raciocínios envolvendo movimentos cíclicos estão presentes, também, no trabalho de Perez e Soete, 1988, sobre as fases do “Ciclo de Vida de uma Tecnologia”. O gráfico abaixo foi extraído deste trabalho, da página 471, e mostra o padrão mais usual de variações nos ritmos de introdução de melhoramentos em uma tecnologia, à medida que a mesma vai tornando-se mais madura. Para cada uma destas quatro fases, as necessidades para que um país passe a dominar a mesma, em termos de custos, de domínio de base científica e tecnológica, de mão de obra qualificada etc. variam, de forma diferente, oferecendo uma rica coleção de exemplos de movimentos cíclicos. Os autores consideram sua abordagem mais rica que a do Ciclo de Vida de um Produto, entre outras razões, porque os produtos, em termos de base tecnológica, não são sempre independentes. Assim, dependendo da fase em que se está, no ciclo de vida da tecnologia central para o produto, quando o mesmo é introduzido, seu ciclo de vida poderá ter uma trajetória diferente.

**Figura 4 – The life cycle of a technology**



Se as referências anteriores enfatizam a existência de movimentos, a próxima, e final, faz carga na importância da presença de certos ingredientes, na Superestrutura, e de sua combinação, para definir em que ritmo o motor puxará o movimento. Trata-se dos trabalhos sobre “Estruturas Sociais de Acumulação” (ESA), particularmente os do livro “Social Structures of Accumulation”, 1994, editado por Kotz, McDonough e Reich.

Iniciemos com uma esclarecedora sentença introdutória:

“The social structures of accumulation (SSA) approach seeks to explain the long-term fortunes of capitalist economies in terms of the effect of political and economic institutions on growth rates.” Kotz et al, 1994, p.iii

Os autores explicam que a expressão ESA refere-se ao complexo de instituições, nacionais e internacionais, que apóiam a acumulação capitalista, sejam elas de natureza política, cultural ou econômica. Alguns exemplos destas instituições são esclarecedores. Entre as nacionais está, o estado das formas de gestão da força de trabalho, a organização do processo de trabalho, o tipo de organização industrial, o papel da moeda e das finanças e suas relações com a indústria, o papel do estado na economia, o caráter da cultura e da ideologia dominante etc., e entre as internacionais estão as instituições relacionadas ao comércio ao investimento às finanças etc.. Op. Cit. P. 1.

A idéia central da abordagem é que a acumulação de capital, que enseja crescimento econômico, não pode ocorrer no vácuo ou no caos. Os capitalistas não investirão a menos que seja possível fazer cálculos e estimar os possíveis

resultados. Por esta razão, um longo período de expansão rápida e estável requer uma ESA eficiente. Isto perdura por algum tempo até que a ESA decai. A exaustão da ESA ocorre porque a luta de classes ou a acumulação capitalista pressionam as instituições até seus limites e a ESA perde sua legitimidade afastando os capitalistas do investimento produtivo para o refugio do mercado financeiro. Um período de estagnação e instabilidade se segue até que outra ESA possa ser construída. Gordon et al, PP. 11 a 16.

A abordagem é utilizada para basear comparações entre períodos em um país ou para estudos comparativos de países, além de ter também pretensões normativas. Em relação às influências intelectuais, os autores se consideram em oposição aos Neoclássicos por valorizarem as influências das instituições e das estruturas sociais. Reconhecem incorporar elementos do Marxismo (interdependência das estruturas, ciclos, ênfase em conflitos de classe e na acumulação de capital para explicar o desenvolvimento do capitalismo), do Keynesianismo (relações entre ESA e investimento), dos Institucionalistas (importância das instituições), e de Kondratief e Schumpeter pela visão das ondas longas. Registram também suas diferenças da literatura Marxista (pela ênfase em fatores não econômicos, por não ver inevitabilidade no socialismo e por negar causas únicas, mecanicistas, para as crises), do Keynesianismo (foco na demanda), dos Institucionalistas (maior abertura para generalizações sobre desenvolvimento econômico), e não aceitam nenhum determinismo econômico ou tecnológico em relação à tradição das teorias de ondas longas. Kotz et al PP. 1 a 4. Feitas as apresentações, passemos a nossas Conjecturas.

**5.3.3 – Conjecturas Sobre os Ciclos de Polanyi.** Retomando a apresentação do Sistema, este elemento, os Ciclos de Polanyi, que propomos como parte do pano de fundo para nossa análise, teria traços econômicos, políticos e sociais, em evolução sobre uma base tecnológica. Esta teria, também, dinamismo definido pelo padrão do paradigma. Note-se que a abordagem aqui é a mais complexa dentre as das três instâncias. Neste sentido então, a ordem da abordagem vai do mais abstrato para o mais concreto.

Segue a apresentação de elementos definidores dos Ciclos de Polanyi e outras conjecturas que se faz a partir daí: (a) Estes movimentos de ‘Ascensão e Queda’ são fenômenos recorrentes. A época do ‘Livre Câmbismo’ é uma marcante fase de um Ciclo anterior, e tudo nos faz supor que outros deverão se seguir (b) Polanyi estaria descrevendo um Ciclo (dos de Polanyi) e nós estamos entrando em um outro destes Ciclos; (c) Subjacentes a estes Ciclos existem importantes mudanças dos Paradigmas Tecnológicos dominantes; (d) Os Ciclos de Polanyi não têm dimensão temporal fixa. Isto é assim porque,



entre outras razões, as potências transformativas, por assim dizer, dos diferentes paradigmas, em princípio, diferem, devido às especificidades das tecnologias. Também, um Ciclo de Polanyi pode conter mais de uma onda longa; (e) Estes ciclos podem apresentar movimentos de ação e de reação dos agentes, assim como ritmos de mudança, diferentes. Pois, dependem das especificidades das estruturas, econômico, social e política dos países, a cada tempo, e no momento da entrada em cena do novo paradigma, assim como do panorama de correlação de forças internacionais; (f) Devido às mudanças de um paradigma para outro, e durante o domínio de cada um destes, ocorrem evoluções na infra-estrutura produtiva e na superestrutura econômica social e política que caracterizam a evolução do Ciclo; (g) É possível visualizar algumas fases nestes Ciclos, a primeira, Fase A, quando o novo paradigma se mostra vencedor, se instala e começa a se expandir. É um momento de muita turbulência, pois, ocorrem fortes mudanças nos valores/preços, socialmente determinados, das mercadorias, com importantes conseqüências econômicas e sociais. Os blocos de capital ligados às novas tecnologias trabalham tentando construir situações políticas que lhes permita obter liberdade máxima de ação neste ponto, internamente nos países e no contexto internacional, de forma a conseguir maximizar os resultados de sua forte vantagem relativa, que não será permanente. É a fase que atravessamos atualmente. Deve se seguir uma, ou mais fases, quando ocorre a difusão da nova tecnologia e acomodações nos quadros, econômico, social e político. Certamente haverá uma última subfase, quando a exaustão do sistema começa a se apresentar e novas tecnologias se preparam para vir a cena; (h) Há que considerar, também, que as estruturas de poder, em dimensão mundial variam ao longo do tempo. Certamente uma estrutura de hegemonia unipolar ou de rivalidade entre pólos, marcará os ciclos de forma distinta; (i) De um modo geral, ao longo de um Ciclo de Polanyi, a situação das relações entre Centro e Periferia sofre algumas mudanças. Entre outras, e em alguns casos, o elemento central da mudança no Paradigma Tecnológico, que pode ser um tipo de energia (do vapor para elétrica), um campo físico de ação (do mecânico para o eletrônico) etc., no curso da difusão de sua dominância, na primeira fase, faz com que aumente fortemente as disparidades entre os pólos e, conseqüentemente, as dificuldades de concorrência e econômicas em geral da Periferia. Isto será tão mais forte quanto maior for a ubiqüidade desse elemento central da nova tecnologia. Na medida em que se vai realizando sua absorção nos diversos ramos de atividade, os Periféricos poderão voltar a ser competitivos em alguns dos mesmos, apesar de continuarem defasados do núcleo, em diversos graus,

dependentes em relação a esta tecnologia da mudança central <sup>20</sup>. (Katz, 2001, 2004).

Estes certamente serão os elementos mais importantes a considerar. Porém, antes mesmo de analisá-los ou de especular acerca de outros fatores, já se pode verificar que a discussão tem um número muito grande de dimensões. O que propomos utilizar desde já, é a incorporação da existência destes Ciclos, as GTs. Também, a idéia de que ao longo do tempo da dominância de cada uma destas ondas longas, movimentos/mudanças também ocorrem <sup>21</sup>. Em relação a estes movimentos, os mesmos ocorrerão no âmbito da base tecnológica, que evoluirá, no sentido de sua penetração no modo técnico de produção, tanto em profundidade como em extensão, até que a forma socialmente necessária de produção se torne aquela mais amplamente utilizada. E, há várias possíveis maneiras mediante as quais podem ocorrer a imposição, a organização e a difusão da nova tecnologia <sup>22</sup>. Ao mesmo tempo, transformações relacionadas, e particularmente importantes para nosso estudo, também ocorrem nas esferas enfocadas por Polanyi, do social, do político e do econômico. Aí se encontram, por exemplo, as relações de classe. Estas envolvem tanto a luta pelo domínio do conhecimento relativo ao processo produtivo, como a continuada atividade de gestão, e de reação, no chão da fábrica, no dia a dia produtivo. Encontram-se também, como reflexo das tensões não só entre classes, mas, entre blocos de interesse, as políticas nacionais (do liberalismo e da auto-regulação, absoluta, dos mercados ou da intervenção social) e internacionais (do livre mercado ou com graus variados de protecionismo) etc.

---

<sup>20</sup> Vale destacar algumas importantes diferenças, no sentido operacional, entre este esquema e o das ESA. Uma das mais importantes diz respeito à direção da causação dos movimentos. Kotz et al colocam as ESA no centro das explicações e da dinâmica do processo. ESA adequadas implicariam em um pujante desenvolvimento do capitalismo e vice versa. Nós dizemos que as leis de movimento do capitalismo vão resultando nas mudanças na tecnologia que, por sua vez, vão impelindo mudanças nas ESA. É necessário colocar a Teoria deles de cabeça para baixo. Há também uma diferença no que diz respeito à perspectiva da dinâmica de transformação das partes do conjunto. Primeiro, a nossa é mais ampla prevendo mudanças de MOPs. Depois, prevemos, também, a possibilidade de diversas ondas e eles se concentram em explicar o porquê do maior, ou menor, dinamismo de certa onda. Também, vemos a existência de diferentes tipos de evolução, Periodizáveis ou cíclicas, para as partes do Sistema.

<sup>21</sup> Como, por exemplo, a observada por Polanyi de “ascensão e queda da hegemonia da economia de livre mercado”.

<sup>22</sup> Como se vê, obviamente não nos domina a idéia de que nada de novo há sob o Sol, e que os eventos vão se desenrolar do mesmo modo que em ciclos anteriores e, portanto, é fácil fazer previsões sobre o futuro simploriamente baseados no passado. De fato, o nosso posicionamento se baseia na convicção de que existem diferenças, e algumas estão vistas, mas, que outros elementos persistem, já que nada atuou no sentido de sua mudança. Sendo que o mais importante, para nós, o domínio da lógica do capital, continuará imprimindo as marcas de sua presença, já que a forma de propriedade dos meios de produção permanece inalterada. Assim, algumas pressões e tendências importantes devem funcionar de forma assemelhada ou, pelo menos na mesma direção, e a atenção voltada para elas, para estes faróis prospectivos, pode ser frutífera.

Vamos sumarizar, separando em Fases, as características que assumem importantes elementos, em nossas Conjecturas. Vale ressaltar que, como em todo modelo, tratam-se de posições e de trajetórias típicas que não são obrigatoriamente simultâneas para todos os setores da economia e da sociedade. Haverá diferenças, por exemplo, no peso que podem ter as fases e, inclusive, para alguns setores seu número pode ser menor, pois, pode ocorrer a fusão da B com a C. De um modo geral:

Fase A: É a fase do início da implantação da nova tecnologia, que passa a definir um novo patamar para ‘a quantidade de trabalho socialmente necessário para produzir uma mercadoria’. É o período tipicamente Schumpeteriano, da Destruição Criadora, quando o jogo se parece mais com o Pôquer, pois aparentemente existem chances ilimitadas de ganho, do que com a roleta, Schumpeter, 1976, p. 73 a 83 <sup>23</sup>. Há o domínio do capital, mas, em relação ao processo de trabalho, pela sua novidade, pode ser ainda espaço habitado, também, por artífices e por pequenas empresas, e este domínio é claro apenas no aspecto formal. O capital procura intensificar a utilização do Taylorismo, enquanto mecanismo de transferência do saber das oficinas para os escritórios. O desemprego, assim como a informalidade, tendem a ser altos. No Panorama interno e externo, como descrito por Polanyi para sua GT, domina o discurso Liberal, das privatizações, desregulamentações, livre comércio etc.. O Imperialismo é aquele demolidor das estruturas produtivas da Periferia.

Fase B: Ocorre o avanço na utilização da nova tecnologia. Chances de movimentos de camadas verticais, de classe, vão diminuindo. A Subsunção Real avança sobre a Subsunção Formal. Nos ramos onde a Taylorização do Processo de Trabalho conseguiu avançar aumenta a utilização do “Controle Direto” como forma preferencial de gestão da força de trabalho. As outras características se mantêm, mas, vão se atenuando. A centralização de capital passa a se aguçar desta fase em diante.

Fase C: A ‘nova’ tecnologia torna-se amplamente utilizada na maioria das indústrias. Ocorre uma rarefação dos movimentos entre classes. Domínio

---

<sup>23</sup> Sem pretensão de desenvolver uma análise sociológica, parece-nos que nas proximidades do paroxismo das grandes transformações surge um número de movimentos que borram, aparentemente e por um tempo, determinados limites das classes sociais. Surgem oportunidades de ascensão, pela exploração de novas oportunidades, ao mesmo tempo em que, grandes massas de riqueza e capital são destruídas, lançando economicamente para baixo outros grupos. As mudanças fazem com que os preços relativos de certos bens mudem drasticamente, ao mesmo tempo em que riqueza parece surgir do nada. Há uma aparência de chances de grande mobilidade social.

amplo da Subsunção real. O domínio e apropriação, amplo, pelo capital da ‘nova’ tecnologia leva a utilização do “Controle Direto” a um ponto de máximo. O discurso liberal começa a perder espaço para as propostas de tipo Keynesiano no ambiente interno, e inicia-se a difusão internacional da ‘nova’ tecnologia. O Imperialismo, em certos países e para certos setores, atua a La Warren.

Fase D: Tendo chegado perto dos limites da expansão da ‘nova’ tecnologia, enquanto Hardware, o Capital passa a fazer avanços no uso de inovações de Software, para continuar acumulando. Forte estabilização das estruturas de classe. É o período das Terceirizações, do incremento da utilização da “Autonomia Responsável” e da organização da produção em Cadeias. O Capital busca apoio na cooptação em geral para seu domínio amplo. Forte participação do Imperialismo a La Warren. ‘Novíssimas’ tecnologias, que talvez até já existissem e eram postas em reserva, passam a ser consideradas para lançamento.

Após esta exposição, cabe questionar se não há o risco de se cair em um modelo não manejável, uma pretensa ‘Teoria de Tudo’. A resposta é não, principalmente porque não se pretende construir um aparelho para previsões do futuro, para exercícios de futurologia geral. O que pode atingir graus mais confiáveis de previsibilidade são os estudos contingenciais de casos concretos. Para tal as ferramentas são adequadas e úteis, porque permitem não só interpretações, como também a construção de cenários plausíveis que prevejam tipos de movimentos a esperar no futuro<sup>24</sup>.

Uma observação final, de natureza metodológica/teórica, acerca de categorias periodizáveis ou cíclicas. A primeira das instâncias do Modelo, o Modo de Produção, tem como característica a presença de um elemento dominante, invariante, a relação capital x trabalho assalariado. Se ampliarmos o campo e considerarmos a História mais amplamente, e não só o tempo do Modo de produção capitalista, a primeira instância deixa de ser invariante e apresenta uma Periodização definida pelo domínio dos Modos. A segunda instância, a Base Tecnológica, caracteriza-se por apresentar, durante o tempo histórico do MPC, uma periodização definida pela presença de diversas épocas quando dominam distintos Paradigmas Tecnológicos. A estrutura destas duas instâncias é periodizável, porque contém uma categoria, em outra

---

<sup>24</sup> Certamente é muito cedo para discutir a base científica e a validade metodológica de algo que está apenas em construção. Mas, independentemente do estágio de amadurecimento da proposta, parte fundamental da mesma é uma conjectura, e assim não cabe oferecer prova. Fica aberta a possibilidade da acusação de ser, ainda, fruto mais de intuição ou ilação.

linguagem se diria uma variável, central e hegemônica, que tende a abranger todo o espaço. Em função da ação das contratendências podem até ocorrer avanços e recuos temporários em seu reino, mas o mesmo é permanentemente dominante. Já a terceira instância tem outro tipo de estrutura e, em cada uma de suas Periodizações, se materializam Trajetórias Cíclicas. Isto se dá porque neste tipo de situação não existe uma categoria central, tendencialmente dominante, mas, coexiste um *mix* de mais de um elemento permanente, sem que haja tendência dominante. Neste caso, os elementos podem coexistir sem que haja tensões entre eles. As próprias leis de movimento do MPC vão causando as mudanças nas quotas de participação desses elementos. Mas, a hegemonia de algum deles é só circunstancial. Em outros processos correndo em paralelo, ou na exaustão do ciclo, a correlação de presenças pode ser diferente. São exemplos destes elementos, as formas de assalariamento, a dualidade Taylorismo Neo-Fordismo, a reserva e a difusão de tecnologia etc.

## 6 – REFLEXOS DESTA VISÃO SISTÊMICA SOBRE ALGUMAS QUESTÕES.

É necessário dizer de saída que a visão sistêmica apresentada, o conjunto de Conjecturas, não surgiu puramente de nossa imaginação e raciocínio. Este ‘Concreto Pensado’ foi sendo construído por inúmeras idas e voltas, entre observações do real e sua tradução em termos de determinações simples, e o retorno a partir destes elementos abstratos para a “reprodução do concreto pela via do pensamento” (Marx, 1977, p. 219). Isto foi necessário, sobretudo porque, têm circulado, com força, idéias sobre um novo momento pelo qual estaríamos passando, que possuiria em suas leis de movimentos elementos distintivos do capitalismo como o conhecíamos. As principais vias destas nossas viagens e conexões entre o real e o modelo do sistêmico foram, para nós, nas áreas dos estudos concretos sobre o desenvolvimento do capitalismo na periferia (Katz, 2001 e Katz, 2004) e sobre processo de trabalho (Katz e Sicsú, 2004).

Estes trabalhos são artigos acabados, que expressam a evolução das reflexões sobre o Modelo, em seus contactos com estes problemas concretos. Nestes textos, ou em notas ainda não publicadas, a utilização do Modelo para a análise de fenômenos das últimas décadas, abriu novas perspectivas para a análise de temas sócio-econômicos de variadas naturezas. Abaixo um par de notas que tem sua integridade e, independentemente de novos desenvolvimentos, podem já ser apresentadas.

**6.1 – Reflexões Sobre as Razões da Débâcle/Globalização.** Um ponto muito importante indicado na primeira seção deste texto, foi que, em nossa opinião, a Débâcle e a Globalização constituem um dual, por serem dois reflexos de um mesmo fenômeno. Isto é um corolário de uma tese que o Modelo nos permitiu formular, de que, a Mudança no Paradigma Tecnológico Dominante, é o elemento central para a interpretação dos mais importantes eventos dos últimos quinze anos, inclusive para a explicação do conjunto Débâcle/Globalização. Mais especificamente, a mesma Mudança, que deu ensejo a grande expansão capitalista da Globalização, foi o fenômeno que desequilibrou o socialismo do leste europeu provocando a Débâcle. Como a relação entre a Mudança e a Globalização é óbvia e incontroversa, concentremos-nos na questão da Débâcle.

Temos um outro trabalho, em preparação, que faz uma avaliação da experiência socialista da Europa Oriental e analisa mais detidamente a Débâcle. Mas, no que diz respeito ao ponto específico da ligação da mesma com a Mudança, adiantaremos alguns aspectos, sem pretensão de estar completando uma prova de que existe uma relação causal entre estes fatos. O que vamos fazer, muito mais, é tentar justificar porque esta relação não tem sido utilizada para explicar a Débâcle.

De forma sumarizada, o que adiantamos sobre a relação entre as categorias é que, aqueles regimes, ao mesmo tempo em que não permitiam a propriedade privada dos meios de produção, continham enormes distorções, fazendo com que o grupo no poder não se constituísse de fato em uma ‘classe para si’. Vale lembrar ainda que alguns destes países da Europa tornaram-se, ao longo do tempo, bastante abertos em relação ao resto do mundo, e portanto permeáveis a tudo que acontecia no mundo capitalista. Então, se lembrarmos as características reunidas na descrição da FASE A do Ciclo de Polanyi, para o ambiente capitalista, tais como, as oportunidades de ascensão econômica e social, as chances de mobilidade e o domínio do espírito do Pôquer sobre a roleta, entendemos que estes países socialistas muito abertos ficaram em posição de grande fragilidade para enfrentar a Mudança. Mostraram-se incapazes de competir com o mundo capitalista em momento de grandes e rápidas transformações. Neste sentido, o capitalismo tem grandes vantagens nessa concorrência, devido a sua falta de compromisso com o social. Isto lhe permite, por exemplo, destruir rapidamente esforços (trabalho passado) em qualquer montante, desde que haja lucro, por menor que seja, para alguém. Foi o que aconteceu nos últimos quinze anos, quando a rapidez da introdução nos países centrais do novo Paradigma Tecnológico resultou em que: “Os baixos preços de suas mercadorias formassem (FJK) a artilharia pesada com que destrói todas as muralhas da China ...” Marx e Engels, 1978, p. 97. A

proximidade entre os países do ambiente Europeu, deslanchou um efeito dominó que terminou atingindo até os países mais distantes do bloco soviético, como a Iugoslávia e a Albânia. A rapidez do desmonte de experiências, algumas com até setenta anos, só se entende pelo fato de que ninguém se sentia dono de nada, com obrigação de defender nada, não operou a ‘classe para si’<sup>25</sup>.

Mas, porque a relação entre a Mudança e a Dêbâcle não tem sido apresentada? Pode até causar estranheza que esta relação esteja sendo introduzida como uma novidade. Afinal, um bom número de trabalhos de análise dos últimos 20 anos do capitalismo, de uma forma ou de outra, referem a este fenômeno, à Mudança<sup>26</sup>. De fato, nem a alusão a RCT, ou a Mudança, nem mesmo o destaque de sua importância, que tem sido referida em alguns casos, é algo inédito. Esta é nossa constatação após o exame de dezenas de trabalhos pertinentes. O que há de diferente em nossa posição, é que aqui se está dando à Mudança a posição de protagonista, determinante, nas explicações destes fenômenos<sup>27</sup>. Registre-se que mais que uma adição, este ponto consiste em um **resgate do Modelo, mantendo de forma radical uma de suas idéias originais**.

Desenvolvamos mais esta tese. De saída ocorre uma pergunta muito provocativa, que constituiu, para nos, uma grande incógnita durante alguns anos. Apesar da indisputável importância da Mudança, e até de referências à mesma em meio a outros argumentos, o que teria inibido os autores de considerá-la como a causa principal da falência? É fácil responder em relação àqueles que nunca partilharam da perspectiva de um futuro socialista. Para este grupo as experiências com este tipo de organização social representariam tentativas intrinsecamente "erradas", em termos da natureza humana, e o normal seria que se destruíssem mesmo. É natural então que autores afiliados a este campo do pensamento não recorressem, em suas interpretações, ao fator

---

<sup>25</sup> Apesar de errar um pouco na pontaria, é muito interessante esta visão de Marx e Engels. Na verdade, não foram as Muralhas da China, mas sim o Muro de Berlim que ruiu. A propósito da China, do Vietnã, da Coreia do Norte e até de Cuba, estes eram regimes socialistas até mais atrasados que alguns da Europa, mas, constatamos que até agora, realizando adaptações, estão resistindo. Certamente os fatos de serem mais fechados, por distancia ou por outras razões, e ou, de terem constituído uma mais coesa ‘classe para si’ por necessidade de defesa, são parte da explicação do diferente destino que têm tido até então.

<sup>26</sup> A Esquerda, inclusive a vertente soviética, discutiu e deu destaque, pelo menos desde a década dos 70, ao conjunto de invenções e inovações que se apresentavam ao mundo. O resultado seria uma Revolução Científica e Tecnológica (RCT). Na linguagem mais utilizada atualmente, a Mudança no Paradigma Tecnológico Dominante representa o desaguadouro da RCT.

<sup>27</sup> A maioria das explicações identifica a ordem da causação se iniciando na esfera da circulação. Outras referem a fenômenos do mundo da produção. Nossa explicação distingue-se, primeiro, por considerar a existência de uma sobredeterminação da produção em relação à circulação e, segundo, por caracterizar especificamente a Mudança como o fato que deflagra o processo.

tecnologia para explicações sobre a débâcle e sim aos ‘defeitos congênitos’ do socialismo.

Mas, e quanto aos autores de esquerda, de diversos matizes? Primeiro, é necessário lembrar que, ao longo dos anos, a mais proeminente nação do bloco, a URSS, conseguiu acumular uma ampla coleção de dissidentes que se transformaram em inimigos. Basta lembrar os Trotskistas, Stalinistas e Maoístas, por exemplo. Em relação a estes grupos, no bojo da luta política estava contida, em geral, uma divergência em relação a forma de construção do socialismo. Por vezes seria a acusação da utilização de formas Tayloristas de organização do trabalho ou a de revisionismo, permitindo práticas capitalistas, ou a da utilização exclusiva de empreendimentos de grande porte em detrimento da produção de pequena escala popular, ou outras distorções políticas, econômicas e ou sociais. Nestes casos, a derrocada sugeriu de pronto uma justificativa baseada nesta já existente divergência/acusação, e outras explicações não tendiam a ser buscadas.

Porém, o que pensar em relação aos teóricos que não tinham, ou talvez não tenham até hoje, sentimentos especiais de hostilidade a experiência soviética? Porque será que, mesmo para os intelectuais deste grupo, não se registra, nem em trabalhos mais recentes, a elevação da Mudança para posição de argumento central explicativo da Débâcle? Mesmo sem responder esta questão, podemos já concluir que, de alguma maneira então, a contaminação da utilização do Modelo de forma simplista, parece ter tido influência sobre amplo espectro da Esquerda.

Neste ponto, aponta-se uma outra possível explicação, muito mais perturbadora e provocante, mas, talvez esclarecedora, para a aparente resistência a este argumento. Não só no Método, mas, no bojo do Marxismo mesmo, o avanço da história é associado ao, ou primariamente movido pelo, progresso tecnológico. Posto de forma abreviada, a introdução e disseminação de uma nova tecnologia pressionaria a estrutura social, as relações de produção, para que as mesmas mudassem, se adequando a nova situação. Inovações tecnológicas aumentariam as contradições do capitalismo, impelindo para a formação de condições de sua destruição, e criando condições favoráveis para um avanço para o socialismo, onde estas novas formas de produzir poderiam, em tese, ser muito melhor aproveitadas. Então, este esquema teórico, ao ser posto em xeque pelos fatos da Débâcle, parece apontar para a existência de uma contradição entre o que seria previsível e o que de fato ocorreu. Pois, em um momento de excepcional transformação, a RCT, o resultado foi um salto a frente para o capitalismo e a quase falência do socialismo. O capitalismo floresce e o socialismo parece agonizar. Como seria absolutamente inaceitável imaginar ou argumentar que não estaria ocorrendo



avanço tecnológico, restaria um beco, cuja única saída parece ser, a primeira vista, admitir que o Marxismo está completamente errado e lhe cobrir com uma última pá de cal. Para os autores da Esquerda, admitir isto seria um verdadeiro suicídio intelectual. É então até natural que se entenda que, como uma resistência, este foco causal, que inclui a RCT e a Mudança, fosse preterido, e as escolhas se concentrassem em outras hipóteses, muito mais confortáveis. Mais produtivo, porém, é encarar a questão de frente.

**6.2 – O Estado.** Vamos comentar este personagem tão importante, o Estado, enfocando especificamente nossa situação. O Estado no Brasil, sob o qual temos vivido nos últimos tempos, foi montado para servir o período de ‘desenvolvimento voltado para dentro’, quando prevaleceu o movimento de industrialização. Pode-se dizer que serviu adequadamente <sup>28</sup>. Por volta da década dos 80 tivemos o **início de mais um Ciclo de Polanyi**, que veio a deflagrar um processo de transformações dos condicionantes econômicos e sociais em geral. A entrada em um outro Ciclo, de um modo geral, demanda rearranjos em diversas instâncias para manter a capacidade dos Estados nacionais de exercer suas funções. Por exemplo, há de haver uma adaptação da política tributária às mudanças que ocorrem, que fazem com que certos setores, ou grupos, passem a ser os que geram, ou retêm, mais excedente. **Este problema, embora dificilmente explicitado, está na essência da questão das dificuldades do Estado moderno, por toda parte.**

Considerado o caso do Brasil, um país da periferia, maior ainda é a necessidade destas mudanças, se houver a pretensão de que o Estado seja um protagonista no processo de desenvolvimento. Pois, para tal, tem que ser capaz de, pelo menos, reter excedentes. Neste sentido, além das perdas de **receitas**, por assim dizer estruturais, legítimas, causadas pela defasagem entre os alvos da arrecadação e os que agora podem contribuir com mais, há outros vazamentos, talvez legais embora que não legítimos, de dimensão importante. Referimos aqui ao entulho, constituído pelo labirinto tributário, muito bem aproveitado pelo grande capital. Este, ao longo dos anos, investiu nas ‘melhores’ mentes jurídicas para detectar e criar brechas e entendimentos que fazem com que as maiores empresas, inclusive as dos setores mais lucrativos, não contribuam equitativamente para a arrecadação. Isto, para nem falar no assombroso nível de sonegação de todos os tributos, que é facilitada pelo semidesmonte da máquina arrecadadora.

---

<sup>28</sup> Neste contexto, por Estado, entendemos um sistema que teria um *hardware*, que além das estruturas que lhe são usualmente atribuídas, englobaria os órgãos e empresas de direção pública, e um *software* que conteria os principais corpos da legislação relacionados com a economia, como a tributária e a trabalhista, por exemplo, políticas econômicas e sociais, como a política industrial, enfim, o *modus operandi* do sistema.

Da mesma maneira, a chegada de um novo Ciclo e o passar das décadas adicionou outros problemas no que diz respeito aos **gastos**. Também neste caso há de haver redirecionamentos, ditados pelas mudanças qualitativas trazidas pelo novo Ciclo, que alteram prioridades, demandando ênfase em educação, ciência e tecnologia, por exemplo. Ao mesmo tempo, há que se lidar também com o nosso pequeno mundo concreto. Neste se manifestou o espírito patrimonialista de nossa elite, especialmente, durante os períodos de impunidade ditatorial. O resultado das arrecadações, disponível para os gastos, foi sendo cada vez mais dilapidado pelas práticas de corrupção e de desvios, e tomados por uma série de penduricalhos mais ou menos inúteis e dispendiosos, além das concessões gravosas.

O panorama da necessidade de mudança, ou, se quiser de reforma, do Estado foi de fácil percepção para aqueles que acompanham a evolução social no Brasil. Porém, achamos que não houve o devido aprofundamento da análise do porque isto estaria acontecendo, e nem a obtenção de clareza, no que diz respeito a como deveria ser feita esta reforma. Entre outras razões, porque os problemas que vinham mais claramente à tona sempre traziam uma mistura de elementos legítimos e outros que eram reflexos destes desvios perniciosos. Além do caso já mencionado da tributação, há outro exemplo ainda mais marcante. Este Ciclo de Polanyi traz realizações bastante específicas, entre outras, o aumento substancial, e bem vindo, na expectativa de vida da população. Isto, naturalmente, suscita a necessidade de se discutir a questão previdenciária. Mas, da mesma maneira que no caso anterior dos tributos, este debate causa muito conflito. Pois, a situação de pensões e aposentadorias atualmente existente coloca lado a lado cidadãos com direitos justos e legítimos e mandarinados conquistados iniquamente.

Em resumo, tanto em relação às receitas quanto aos gastos, há então necessidades estruturais de mudar ênfases que eram adequadas nos tempos do 'velho' Estado, mas, que passam a perder eficácia. Porém, há espinhos nestes Pequis. Trata-se da dificuldade de desempenhar a indispensável tarefa de interferir em interesses que atualmente estão beneficiados, pois os mesmos misturam situações legítimas e justas, que devem ser intocáveis, com casos de lobos escondidos no meio dos cordeiros.

Dentro deste cenário complexo, a necessidade de mudar o Estado passou a ser uma opinião quase unânime, estabelecendo-se a oportunidade de um debate sobre direções a tomar, que poderia ter sido alimentado por distintas visões ideológicas. Infelizmente, não se deu uma batalha de idéias, mas, ocorreu um massacre. A Esquerda, por seu tradicional posicionamento favorável à intervenção, foi facilmente identificada como a herdeira daquele

Estado corrupto e falido. Também, mais ou menos nesta mesma época, ocorreu a débacle do socialismo do leste, paradigma máximo do planejamento estatal. Um discurso de reforma saído da Esquerda ficava então difícil de defender. Com uma fortíssima campanha política e ideológica, que cobria desde a mídia até o ambiente acadêmico, venceu a idéia Liberal do ‘Estado mínimo’<sup>29</sup>. No contexto desta discussão não encontramos registro de propostas sobre redirecionamentos que poderiam ter sido analisados, seja em relação a mudanças nos setores produtivos que se passaria a apoiar, ou aos novos alvos e formas preferenciais de tributação e suporte, ou outros. Em lugar disto, a idéia vitoriosa foi a da liquidação do Estado produtor, enquanto que, por exemplo, a prática tributária continua simplesmente inadequada, e nenhuma adaptação importante foi implementada. O desmonte tomou curso, mas, apresentaram-se diversas áreas de resistência. O que resultou foi uma incoerente colcha de retalhos, para a qual as Reformas do governo Lula só colaboraram, onde uma marca comum é a inabilitação de esquemas anteriores sem a introdução de substitutos.

Não há dúvida que atualmente o Estado, mutilado, não está tão apto a atuar em um processo de retomada do desenvolvimento, com domínio satisfatoriamente amplo da situação, como já fez no passado<sup>30</sup>. Há inadequações às quais se soma uma figura bastante desgastada. Isto não significa, porém, que entendamos que sua capacidade remanescente de agir seja desprezível. Muito pelo contrário, haja vista que o Estado ainda retém o controle de importantes seções do setor financeiro que podem ser alavancas auxiliares importantes e, na esfera da produção, o mesmo se dá. Tudo isto habilita o Estado a dar grande impulso, inclusive através das ‘Parcerias Publicas Privadas, no processo de desenvolvimento. Além do mais, e o mais importante, é que vale lembrar que se pode e deve pensar em certas correções de rumo que concretizadas reabilitariam muito do vigor do Estado.

## 7 – CONCLUSÕES.

---

<sup>29</sup> Surgiu na época todo um aparato teórico, e mesmo filosófico, com grande poder de convencimento, que sustentava que a coisa pública, talvez devido a ter propriedade difusa, inevitavelmente seria mais mal gerida que a propriedade privada. Daí que privatizar teria, também, uma justificativa conceitual ‘neutra’. Hoje, com casos como o da Enron e da Parmalat como contra-exemplos, o equilíbrio do julgamento deste ponto seria bastante distinto.

<sup>30</sup> As discussões referentes ao Estado, e ao seu papel em um processo de desenvolvimento, podem ser muito enriquecidas se iluminadas pela análise de Polanyi, 1992. Podem-se observar naquela obra as **variações intracíclicas do papel que desempenhou o Estado** durante o período estudado. Isto confirma a importância do nosso esforço em tentar resgatar a importância deste componente (o Ciclo), nas transformações sociais.

Reunimos, de forma resumida, os mais importantes pontos, em relação aos quais desenvolvemos esforços de argumentação: (1) Que, a Mudança no Paradigma Tecnológico Dominante é o elemento central para compor as explicações de importantes fatos recentes, especificamente, a globalização e a débâcle do socialismo do leste europeu. E, que estes dois eventos são duas faces desta mesma moeda; (2) Que, é indispensável considerar, para a concepção do Sistema interpretativo, a colaboração de três instâncias. Duas delas, O Modo de Produção e O Paradigma Tecnológico, em geral fazem parte das formulações. Em relação à primeira, o que fizemos foi procurar resgatar o rico sentido que tinha nas formulações mais ortodoxas e abstratas. O mesmo em relação à segunda, nunca esquecendo o peso que Marx dava ao fator tecnológico e, neste caso, adicionando também valiosas contribuições mais recentes. A terceira instância tem certa relação com a categoria clássica Superestrutura, e utilizaremos este rótulo para referência. A presença deste componente no sistema de análise é igualmente indispensável. Pois, dá capacidade de sintonia fina ao modelo, permitindo observações mais nítidas de aspectos do desenvolvimento do capitalismo, já que em seu meio desenvolvem-se diversos movimentos cíclicos; (3) O destaque deste último componente incorpora, também, um ponto metodológico muito importante para este estudo. De uma forma geral, o mesmo emerge da necessidade de se dar importância, na análise, ao devido equilíbrio da articulação de fatores conjunturais e de movimentos cíclicos. (4) Uma ressalva, também, metodológica deve ser adiantada. Diz respeito às limitações, dada a sua própria natureza, do modelo apresentado. Como todo modelo, trata-se naturalmente de uma abstração. É como se a História fosse um processo que se desenvolvesse em um mundo de um só país, onde, as classes sociais, os processos produtivos, e tudo mais, pudessem ser representadas por categorias homogêneas. Em uma palavra, um mundo teórico onde o desenvolvimento desigual não prevalecesse. Apesar de todas estas simplificações, a concepção de um modelo razoavelmente representativo já é uma tarefa muitíssimo complexa, mas, consensualmente útil. Se, por um lado, é arriscado tentar a elaboração de previsões concretas de desenvolvimentos Históricos a partir do mesmo, pois estas envolvem a interação de sem número de atores e a ocorrência de fenômenos caóticos, por outro, o Modelo é uma base plenamente segura, por exemplo, para análises contingênciais, quando a consideração de leis tendenciais e de leis de movimentos permite prognosticar diversos possíveis desenvolvimentos.

## BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

AFANASSIEV, V.G. (1963) “Filosofia Marxista – Compêndio Popular” Editorial Vitória Limitada, Rio de Janeiro.

COHEN, G. A. (1978) Karl Marx’s Theory of History. Oxford University Press, New York.

FINE, B. e HARRIS, L. (1979) “Rereading Capital” The Macmillan Press Ltd, London.

FREEMAN, Christopher e PEREZ, Carlota – (1990) “Structural crises of adjustment: business cycles and investment behaviour” in Giovanni Dosi et al (Edit.) Technical Change and Economic Theory. Londres, Pinter Publisher Limited.

GORDON, D. M. e EDWARDS, R. e REICH, M. (1994) “Long Swings and Stages of Capitalism.” In KOTZ, D. M. e McDONOUGH, T. e REICH, M. (1994) Social Structures of Accumulation. Cambridge university press, N.Y.

KATZ, F. J. (1984) The Informal Sector and Debate On Underdevelopment: the Case of Brazil. Tese de doutorado Universidade de Londres.

Idem (2001) “Um Panorama do Debate Sobre a Questão do Desenvolvimento do Capitalismo na América Latina. Saindo das trevas”. In Anais da IV Jornada da Sociedade Brasileira de Economia Política. Salvador.

Idem (2004) “Estado e Desenvolvimento: Mapeando as Discussões acerca do Desenvolvimento do Capitalismo no Brasil”. In Anais do IX Encontro Regional de Economia da ANPEC. Fortaleza.

KATZ, F. J. e SICSÚ, A. B. (2004) “Questionando a Periodização ‘Fordismo’ → ‘Neo- Fordismo’”. Mudanças Tecnológicas e Reflexos no Mundo do Trabalho”. In Anais do IV Colóquio Latino Americano de Economistas Políticos. São Paulo.

KOTZ, D. M. e McDONOUGH, T. e REICH, M. (1994) Social Structures of Accumulation. Cambridge university press, N.Y.

KISSINGER, H. (2001) “Entrevista nas Páginas Amarelas”, In Veja, edição 1713, ano 34 15 de agosto.

LENINE, V. (1974) O Imperialismo Estádio supremo do Capitalismo. Centelha, Coimbra.

MARX, K. (1976) “Miséria da Filosofia” Editorial Grijalbo, São Paulo.

Idem (1977) “Contribuição à Crítica da economia Política” Martins Fontes Editora, São Paulo.

Idem (1978) “El Capital Libro I capítulo VI (Inédito)” Siglo Veintiuno Editores, México.

MARX, K. e ENGELS, F. (1978 ) O Manifesto Comunista. Rio de Janeiro, Zahar editores.

PEREZ, C. e SOETE, L. (1988) “Catching Up in Technology: Entry Barriers and Windows of Opportunity”. In DOSI, G. et al Eds. Technical Change and Economic Theory. London, Pinter Publisher.

POLANYI, K. (2000) A Grande Transformação. Editora Campus, Rio de janeiro.

Idem (2001) The Great Transformation. Beacon Press, Boston.

POLITZER, G. e BESSE, G. e CAVEING, M. (1970) “Princípios Fundamentais de Filosofia”, HEMUS, Livraria editora LTDA, São Paulo.

ROSENBERG, N. (1981) ‘Marx as a Student of Technology’ in “Science Technology and the Labour Process, Ed. Les Levidow e Bob Young, CSE Books, Londres.

SCHUMPETER, J. A. (1976) Capitalism, Socialism and Democracy. HarperPerennial, New York.

VERNON, R. (1966) “International Investment and International Trade in the Product Cycle”. In Quarterly Journal of Economics, Vol. LXXX, maio.



